

humanitas

Vol. XXIX-XXX

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXIX-XXX



COIMBRA

MCMLXXVII-MCMLXXVIII

tazioni *ante litteram* (soprattutto metriche) per quanto riguarda alcuni studiosi italo-spagnoli del XVI^o secolo. Ed infine si cerca di provare che il supposto sintagma in *Tarentilla Pacuvi eqs.* in realtà sarebbe da emendare così: *in Tarentilla praelucidum* (o meglio: *pellucidum / perlucidum*).

La competenza de ll'A. si evidenzia pagina per pagina, con *renvois* a letterature moderne ed a problemi anche di taglio spiccatamente teatrale; la lettura è poi resa ancora più gradita ed affascinante dallo stile poeticamente accurato e — al tempo stesso — schivo, essenzialmente all'inglese, con rinvio a pochi ma essenziali testi per importanza ed influenza. Spiccano le ipotesi — quasi sempre plausibili — di una mente che si è proposta una rielaborazione minuziosa e particolarissima.

Allo specialista di commedia romana interesserà altresì — aspetto non ultimo — il ricorso de ll'A. all'ormai irreperibile J. M. Reinkers, *Über den accusativus cum infinitivo bei Plautus und Terentius*, I. Teil, «Jahresbericht über das Königlich Gymnasium zu Düsseldorf für das Schuljahr 1886-87». Vada infine un ringraziamento ai due curatori, che hanno voluto offrire questa ultima fatica di M. B. senza lasciare trascorrere un eccessivo lasso di tempo dalla stesura originaria (1974).

FURIO MURRU

GIULIA PICCALUGA, *Minutal*. Saggi di storia delle religioni, Roma, Edizioni dell' Ateneo, 1974. 170 pp.

— **Terminus. I segni de confine nella religione romana, Roma, Edizioni dell' Ateneo, 1974. 351 pp.**

Conforme se lê na «Premessa» do segundo destes livros a autora utiliza o método comparativo-religioso e da análise estruturalista (p. 12). A este propósito aproveito para deixar já aqui um reparo que um e outro livro me merecem: o facto de nos apresentar uma história das religiões um tanto afastada das contingências históricas. De facto, tenta a autora apreender o significado de uma figura mítica pela colação e síntese das variantes de qualquer época indistintamente. Ora, sendo o mito, sobretudo na Grécia, um veículo vivo e em mutação de diferentes ideias em diferentes épocas, parece-me errado não o interpretar, sempre que possível, de acordo com o contexto histórico e as circunstâncias epocais.

O primeiro livro, como o próprio título sugere (*minutal*, vocábulo latino que o encabeça, significa «coisa pequena», «picado de carne»), é uma colectânea de sete artigos de assuntos diversos, ligados apenas pelo fio condutor (bem fraco, diga-se a verdade) de «l'interesse, da parte di chi scrive, per la storia delle religioni, in specie per il mito», para utilizar as palavras da autora na «Avvertenza» (p. 7). Apesar de não trazerem nada de verdadeiramente original e de as conclusões não aparecerem bem nítidas em alguns artigos, neles são analisados temas míticos a que subjaz geralmente um significado social. Em «La ventura di amare una divinità» (pp. 9-35), foca os riscos que acarreta a um mortal amar uma divindade ou ser por ela amado

e acentua que, contudo, essa desgraça traz algo de útil e importante para a existência humana; «Il corteggio di Persephone» (pp. 37-76) põe em relevo a importância da humidade e da água no culto de Deméter, indispensável ao desenvolvimento dos cereais e ao crescimento das plantas em geral; em «Adonis, i cacciatori falliti e l'avvento dell'agricoltura» (pp. 77-94) voltam a estar em evidência questões ligadas à agricultura: aqui, depois de contestar as interpretações de Mannhardt, de J. G. Frazer e de M. Detienne, põe em relevo o fracasso de Adónis e de outras figuras míticas, quer como caçadores, quer como agricultores — simbolização das dificuldades que envolveram a passagem de uma sociedade de pastores e caçadores para uma sociedade agrícola; em «Melanion e Timon» (pp. 95-109), com base nos vv. 781-820 da *Lisistrata* de Aristófanes, contrapõe-se à fuga às núpcias e ao ódio de Melanion pelas mulheres a misantropia de Timon e a sua fuga à maldade dos homens, para pôr em realce o «riconoscimento, sia pure a malincuore, dell' indispensabilità delle donne, la collaborazione tra queste e gli uomini, la pace e l'agire concorde e unitario a vantaggio della comunità» (pp. 108-109); «Herakles, Melqart, Hercules e la Penisola Iberica» (pp. 111-132) explica a actuação de Hércules na Hispânia, sobretudo no tocante a Gerião, como uma justificação da colonização grega e realça o uso que a família dos Barcas e alguns generais romanos fizeram do santuário de Hércules/Melqart em Gades; em «Vegoia» (pp. 133-150), onde as inscrições *tular* mereciam uma referência mais extensa, são rejeitadas sistematicamente (e de forma, quanto a mim, excessiva) todas as interpretações até agora apresentadas sobre a profecia de Vegoia e levantam-se sobretudo questões que se deixam sem resposta; finalmente «Tullius Hostilius e l'uso sacrale del fuoco» (pp. 151-158) considera o bom e o mau uso do fogo no culto, simbolizados respectivamente em Numa e Tulo Hostílio.

Trata-se de estudos preparatórios para obras e projectos de maior fôlego que a autora tinha em mente e de que o segundo livro constitui já uma realização. A sua génese está em uma comunicação apresentada ao XII Congresso Internacional de História das Religiões em Estocolmo em Agosto de 1970 e posteriormente desenvolvida num grupo de lições na Universidade de Roma para os estudantes de Religião do Mundo Clássico no ano académico de 1973/1974. O livro pretende estudar nas suas bases histórico-religiosas o complexo mítico-ritual que envolve os marcos de delimitação (*termini*) e a divindade que a eles preside (*Terminus*). Observando a contradição das informações detectáveis nos testemunhos sobre a mobilidade dos *termini* e a estabilidade de *Terminus*, sobre o culto que lhes era prestado (cruento ou incruento), Piccaluga realça o carácter dinâmico dos *termini* públicos, que podiam ser mudados e transferidos, em contraste com os *termini* privados que, salvo raras excepções e mediante um cerimonial próprio, não deviam ser retirados: «mentre era auspicabile una continua *propagatio* dei *termini* *publici*, per quelli *privati* si desiderava, di norma, l'inamovibilità» (p. 112); assinala que os *termini*, além do plano espacial, se inserem também no âmbito temporal: por isso, a festa dos *Terminalia*, que a autora coloca em 23 de Fevereiro, delimitaria o final do ano no calendário romano; trata das relações e complementaridade de funções entre *Terminus* e Júpiter que representariam dois momentos na tradição mítica romana; e considera a existência de sacrifícios cruentos e incruentos um reflexo de diferentes cerimónias a que subjazem épocas distintas.

Estas três últimas questões são abordadas no capítulo final que se intitula de «Conclusioni», mas que não constitui uma verdadeira conclusão. E o livro

merecia um balanço final que sintetizasse e sistematizasse as variadíssimas questões abordadas durante a extensa exposição, em determinados pontos até desnecessariamente demasiado alongada. Esse excesso é em especial manifesto no capítulo «La stabilizzazione della realtà e i segni di confine» (pp. 25-93), em que faz um longo exame comparativo dos marcos de limite em outras culturas: povos da Mesopotâmia e do Egipto, Gregos, Judeus, Chineses dos tempos arcaicos, indígenas da Austrália, habitantes das ilhas Trobriand, etc. Piccaluga, no entanto, utiliza de modo geral com moderação o bom domínio que possui da mitologia comparada.

Trata-se de dois livros sérios e bem documentados. A terminar cada um deles, três índices (geográfico, onomástico e ideográfico) possibilitam uma rápida consulta dos assuntos e evidenciam a riqueza dos temas tratados. Estranha-se, contudo, que pelo menos e segundo não apresente uma bibliografia.

J. RIBEIRO FERREIRA

Due seminari romani di Eduard Fraenkel. «Aiace» e «Filottete» di Sofocle, a cura di alcuni partecipanti. Premessa di L.E. Rossi.
Roma, Edizioni di Storia e Letteratura, 1977. Pp. XXXIV + 82.

Quando um grande mestre, como E. Fraenkel, rege dois seminários sobre tragédia grega, devemos saudar com reconhecimento a iniciativa, tomada por um grupo de participantes, de recolher e publicar os elementos mais perduráveis do seu ensinamento. A redacção, feita em épocas diferentes, pode explicar uma certa disparidade no tratamento escrito dos comentários sobre uma e outra tragédia: os do *Filottetes* foram redigidos em 1968/1969, portanto poucos meses depois do seminário (13-31 de Maio de 1968) e já haviam sido publicados numa edição privada (mas não revista pelo autor) em 1969, antes da morte de Fraenkel (5.2.1970); os do *Ajax* foram elaborados em 1970, bastante tempo depois do seminário e já após a morte de Fraenkel. Tal facto acarretou algumas dificuldades e pode ter implicado o aparecimento de infidelidades involuntárias. Os redactores estão conscientes disso e admitem a possibilidade de não terem apreendido perfeitamente o pensamento de Fraenkel ou de o tempo ter dissolvido muitas das recordações pessoais, esbatendo deste modo a vivacidade da discussão (cf. p. XII). Embora duvidem que Fraenkel alguma vez autorizasse a publicação do volume, fazem-no por um acto de *pietas* à memória do mestre. Só temos de lhes ficar gratos por tal iniciativa, pois desse modo colocam ao nosso dispor, sobre diversas questões relacionadas com essas duas tragédias, uma opinião autorizada que é sempre bom conhecer e deve ser meditada, mesmo que não venha a obter a nossa concordância. Lamentamos, aliás, que a morte não tivesse permitido a Fraenkel escrever o livro sobre Sófocles que projectava (cf. p. XII e *ad Ai.* 512, p. 15). A «Premessa», da autoria de L. E. Rossi, revela-nos muito sobre a personalidade tão profundamente afectiva de Fraenkel, sobre o seu método de ensino e as relações com os alunos.